

## Colecções de Medicina: Paradigma Emergente

Sonia Castro Faria

Centro Hospitalar do Porto.

---

**Resumo:** O presente artigo centra-se no caso prático da musealização do fundo patrimonial da instituição bicentenária Hospital de Santo António e pretende refletir sobre a caducidade do sistema a partir do qual é comumente abordado o objeto médico no contexto museológico nacional. Perspetivando-se a forma de relacionamento desse sistema de abordagem com o atual paradigma dominante das ciências médicas, refletir-se-á sobre a tendência generalizada de musealizar os produtos resultantes de um paradigma transato, subjacentemente indexada e enraizada a valores, teorias, abordagens e modelos cessantes. Tendo por base as especificidades características da museologia médica, conclui-se com a proposta de alguns enfoques museológicos complementares, numa perspetiva de desenvolvimento do futuro Museu do Centro Hospitalar do Porto.

**Palavras-Chave:** Museus de Medicina; Objeto Médico; Paradigma.

**Abstract:** *The current article focuses itself around the musealization process of the bicentennial St. Anthony Hospital's endowment and aims to think about the ending of the conventional approach (system) with which the medical object (the subject) is commonly treated within the museological context. Looking ahead at the proposed relationship system and the current dominant paradigm of medical science, we will look at the results from the past paradigm, following overall trends of musealization deeply rooted to cliché theories and decadent models of approach. In the end, and based on the specific characteristics of medical museology, a proposal for some complementary museum approaches with a view to the developing project for the future Museu do Centro Hospitalar do Porto will be put forward.*

**Key words:** *Medical museums; Medical object; Scientific paradigms.*

---

### ***Museus de medicina***

A criação de museus de medicina está indissociavelmente ligada à prática, ao ensino e investigação das ciências da saúde. Deste modo, a maioria dos museus de medicina surgiu a partir de coleções universitárias, coleções de instituições da área da saúde bem como, apesar de em menor número, de coleções individuais reunidas por personagens médicas, associações e fundações de profissionais e de doentes.

Apesar de reterem características semelhantes às dos museus de história natural os museus de medicina são caracterizados por uma proximidade aos museus de história da ciência, tanto que, como se poderá analisar na classificação proposta pelo ICOM, integram-se na tipologia museus científicos, sub-tipologia museus de ciência e técnica.

Exercendo uma preponderância ao nível do apoio ao ensino e à investigação e tendo como missão a preservação do património relacionado com a prática médica e a saúde humana, assumem de um modo geral as seguintes funções:

- ☐ Responsabilidade pedagógica universitária na formação médico-histórica;
- ☐ Investigação contínua da História da Medicina, suas teorias e progressos tecnológicos;

- ☐ Participação em programas de promoção da saúde.

Os museus dedicados às ciências da saúde são ainda um segmento minoritário dentro da esfera dos museus científicos nacionais. Tendo por base a tipologia das suas coleções, discurso expositivo e tutela, poder-se-ão agrupar sucintamente em quatro categorias:

- Biográficos: desenvolvidos por norma em torno da história de vida de figuras das ciências da saúde, e sediados, geralmente, no seu espaço de trabalho ou na sua residência.

Exp. Casa-Museu Egas Moniz; Centro de Estudos e Museu Egas Moniz; Casa-Museu Abel Salazar; Casa Museu Bissaya Barreto;...

- Monográficos: museus de carácter temático, diretamente relacionados com uma área, um período ou uma temática das ciências da saúde.

Exp. Museu de Anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto;  
[Museu Anatómico do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar;](#)

Museu do Instituto de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra; Museus dos Institutos de Medicina Legal de Coimbra, Lisboa e do Porto; Museu de Anestesiologia, Galamares; Museu da Diabetes, Associação Protetora dos Diabéticos de Portugal; Núcleos Museológicos das Faculdades de Farmácia das Universidades de Coimbra, Lisboa e do Porto; Museu da Farmácia da Associação Nacional das Farmácias, Lisboa e polo no Porto; Polo do Museu da Saúde - Centro de Estudos de Vetores e Doenças Infeciosas Francisco Cambournac; Instituto de Oftalmologia Dr. Gama Pinto;...

- História das Ciências da Saúde e/ou de Memória Institucional: versando os primeiros primordialmente a evolução e interpretação dos saberes médicos numa perspetiva temporal, e sua relação a fatores externos, como políticos e socioeconómicos; e os segundos focalizando a sua temática em torno da memória da instituição médica, da sua vocação de serviço público, das suas figuras de destaque, com o intuito de explicar o seu lugar na História da Medicina local, nacional e internacional.

Exp. Museu de História da Medicina Maximiano Lemos da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto; Museu de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa; Museu do Hospital e das Caldas da Rainha; Museu de Saúde do Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge; Museu do Centro Hospitalar do Porto; Núcleo Museológico do Hospital de Santo António dos Capuchos; Pavilhão de Segurança, Enfermaria-Museu, Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa/Hospital Miguel Bombarda; Espólio do Hospital de S. José e de S. Lázaro; ...

- Museus que encerram coleções das ciências da saúde: museus interdisciplinares que visam refletir numa perspetiva histórica, técnica e cultural a ciência, incluindo as coleções médicas, enquanto ponte de ligação e parte integrante do progresso científico.

Exp. Museu da Ciência da Universidade de Lisboa; Museu de Ciência da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto; Museu da Ciência da Universidade de Coimbra; ...

### ***O Projeto: Museu do Centro Hospitalar do Porto***

O projeto de criação do Museu do Centro Hospitalar do Porto teve a sua génese em 2007, data em que se desencadeou, em parceria com a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, uma alargada musealização do património do Hospital Santo António.

Constituído em grande percentagem por instrumentos de carácter Médico-Cirúrgicos, Laboratorial, de Imagiologia, Farmacêuticos e diversos utensílios de apoio hospitalar, o seu espólio contempla ainda coleções de Pintura, alusiva sobretudo a benfeitores da Santa Casa da Misericórdia do Porto diretamente relacionados com a instituição; Mobiliário; Escultura, de âmbito civil e religioso; Fotografia; e Medalhística (FARIA, 2009).

Apesar de se tratar de uma instituição bicentenária o seu acervo, que abrange milhares de artefactos, remonta em larga escala a um período cronológico que se estende dos primórdios do séc. XX ao tempo presente, resultado de inutilizações, extravios, e sucessiva indiferença ou desconhecimento do respetivo valor patrimonial e cultural.

Em setembro de 2007 viu o seu espólio ser reforçado com as coleções das unidades Maternidade Júlio Dinis e Hospital Maria Pia, integradas no recém-criado Centro Hospitalar do Porto (CHP), e, em março de 2011, com as provenientes do Hospital Joaquim Urbano.

O Museu do CHP, oficializado no regulamento de abril de 2008 (Artigo 64º), nunca chegou a dispor de uma área própria pelo que grande parte do seus bens se encontram dispersos pelos mais de trinta serviços e áreas hospitalares, sob a posse dos departamentos clínicos da instituição, os quais apesar das limitações e constantes remodelações de espaços colaboraram ativamente ao longo de décadas na salvaguarda e proteção de muitos dos instrumentos, objetos, documentação e outros materiais, que constituem hoje o acervo da instituição.

Apesar dos condicionalismos o Museu do CHP desencadeou desde janeiro 2007 a fevereiro 2011 diversos eixos de ação de modo a assumir-se futuramente não só como um espaço de memória institucional, ressaltando as suas vertentes vocacionais e linhas estruturantes que representaram o desenvolvimento do conhecimento médico e científico da instituição, mas sobretudo caracterizando-se num espaço de aprendizagem para a vida, que informa, relaciona, interroga, mobiliza saberes e competências, promovendo a educação pública em torno dos temas da saúde. (SEMEDO, 2008: 3).

Tendo por missão celebrar a memória da instituição e da medicina e promover a literacia em torno dos temas da saúde, destacaram-se ao longo desses quatro anos os seguintes eixos e ações:

- ***Gestão de coleções:***

- » Produção de documentos orientadores: Manual de Gestão das Coleções, ao nível das políticas e procedimentos de Incorporação, Documentação e Conservação Preventiva; e implementação de formulários/autos de doações, empréstimos, etc.;
- » Estudo e inventário de mais de 4000 peças;
- » Informatização de parte do inventário no software In Arte Premium;
- » Incorporações internas e externas;
- » Empréstimo de peças para exposições temporárias de instituições congéneres como o Museu da Escola Superior de Enfermagem do Porto e Sociedade Portuguesa de Gastreenterologia, ou de âmbito diferenciado como Mosteiro de Arouca e Santa Casa da Misericórdia do Porto, entre outras.

- ***Conservação:***

- » Avaliações periódicas das condições ambientais e do estado de conservação do espólio em exposição e reserva;
- » Ações de conservação e manutenção semanal das mais de 30 vitrinas/armários expositores, sites em distintas áreas comuns do CHP;
- » Organização, reestruturação, limpeza, conservação e acondicionamento do espólio em reserva (mais de 1600 peças);

- ***Divulgação e Comunicação:***

- » Exposição “Olhar o Corpo, Salvar a Vida” ( HSA, junho 2007);
- » Exposição Fotográfica “1992-1998 Os Anos da Mudança”(CHP, setembro 2008);
- » Lançamento do Website do Museu do CHP (19 agosto 2009)
- » Exposição “1909-2009 Centenário do Serviço de Otorrinolaringologia do Hospital de Santo António” (CHP, de 23 outubro a 30 novembro 2009);
- » Criação de 4 expositores na Unidade Hospital Maria Pia - outubro 2010
- » Representação do CHP na Exposição Cultural da Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Hospitalar (APDH) – 8 e 9 de novembro de 2010.

De salientar ainda diversas visitas orientadas, acompanhamento de trabalhos académicos, apoio a investigadores, ações de sensibilização internas e externas - iniciadas nas aulas de História de Medicina do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar e nas aulas de Estudo e Gestão de Coleções do 1º ano do Curso de Estudos Pós-Graduados em Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto -, publicação de artigos e diversas tentativas de reforço de parcerias com organismos nacionais e internacionais (<http://www.museu.chporto.pt>).

No entanto, a falta de recursos materiais, humanos e financeiros, levaram à suspensão da sua atividade em fevereiro de 2011, sendo atualmente o seu futuro uma incógnita. Tendo como uma das suas principais missões constituir-se como uma janela através da qual a Instituição se abre à comunidade médica, universitária, assistencial e grande público onde se insere, procurando chamar a atenção deste para o que ali se faz, para além da sua primordial função de prestação de cuidados de saúde, não conseguiu, contudo, transpor e vencer dois importantes conflitos institucionais: missão versus salvaguarda do seu património; e acervo contemporâneo, o que contraria o patente sistema com o qual é comumente abordado o objeto médico no contexto museológico nacional.

### ***Musealização da Medicina Contemporânea – Paradigma***

Consolidada apenas em meados do século XX, a museologia médica é uma matéria recente em comparação com outras tipologias museológicas. Um dos principais fatores prende-se efetivamente com o longo caminho que o instrumento médico, enquanto peça chave no âmbito do passado das ciências da saúde, teve de percorrer até aceder ao seu atual lugar museológico, marcado nomeadamente por várias revalorizações e períodos especulativos em que foi questionado o seu estatuto (CID, 2007: 366).

Quais então as normas de musealização do objeto médico enquanto parte do acervo dos museus de medicina? Não ignoramos que nos saberes museológicos e em particular na classificação de peças médicas o conceito de antiguidade, raridade e valor estético ocupam um primeiro plano fundamental, com uma valorização do fator tempo em detrimento da criação de um material científico. Porém, ao inverso das atribuições enumeradas, que marcam a qualidade da peça artística, não deveriam os fundos médicos ter origem na sua importância enquanto testemunho de técnicas médicas e sua utilização em épocas distintas? Não deveria ser o seu principal propósito dar a conhecer o progresso da medicina em termos científicos, técnicos e tecnológicos, bem como a sua relação com outras ciências que permitiram essa evolução, deixando para último a determinação da sua antiguidade em função dos seus princípios teóricos?

Ao valorizar o objeto individual, enigmático/insólito e estático, e não o seu conteúdo material e as relações estabelecidas por ele e a partir dele, a museologia médica acaba por apoiar-se num património cultural encerrado.

Por norma o objeto médico sem uma etiqueta de antiguidade, desprovido de atrativos estéticos e proveniente de um campo científico que socialmente inspira reservas, é encarado museologicamente como tendo diminuto valor,

deixando antever, que um dos males que flagela a Museologia médica prende-se precisamente com a falta de reconhecimento do seu valor patrimonial enquanto atribuição de valor social, que se relaciona diretamente com a inexistência de uma política museológica que intersete a atividade científica com a atividade eminentemente tecnológica.

São efetivamente várias as razões que levam a que o património da ciência e tecnologia continue ignorado pelas políticas nacionais dos diferentes países e pelas cartas internacionais relacionadas com o património (LOURENÇO, 2009):

- o complexidade de definição do conceito “ciência”;
- o desconhecimento da sua real dimensão, passando a sua destruição muitas das vezes despercebida;
- o vulnerabilidade deste património e respetivo risco iminente de perda, visto que grande percentagem do mesmo se encontra sob a tutela de instituições sem vocação, recursos financeiros e/ou humanos qualificados, necessários à sua salvaguarda, conservação, investigação, comunicação e divulgação;
- o falta de valorização patrimonial por parte da comunidade científica e mesmo por parte dos setores ligados à museologia.

A estes aspetos ainda se juntam outros que dificultam igualmente a patrimonialização e musealização da medicina contemporânea, tornando-a numa matéria complexa e heterogénea:

- o escalas dificilmente comportáveis com a sua inserção num museu convencional;
- o estruturas construídas impossíveis de deslocar do seu local original quer pelas suas dimensões, quer porque isso originaria a sua completa descontextualização. Por vezes resolvida com a sua musealização in situ;
- o aparência pouco apelativa e pouco informativa;
- o rápida evolução tecnológica, tornando um grande número de equipamentos obsoletos, e colocando o problema da sua acumulação, seleção e manutenção técnica;



o respostas paradoxais entre o público, pois apesar da proximidade, familiaridade e despertar de interesse que a temática da saúde gera no público em geral, está igualmente associada à doença, à dor e à morte originando igualmente reações de repulsa.

Confirma-se assim uma tendência museológica generalizada de musealizar os produtos resultantes de um paradigma dominante que se encontra intimamente indexado e enraizado a valores, teorias, abordagens e modelos cessantes, o qual não vem acompanhando verdadeiramente as alterações paradigmáticas, cada vez mais céleres, que se perfilam na revolução das ciências da saúde, ao nível do próprio desenvolvimento tecnológico e científico do objeto médico e das respetivas práticas.

Esses critérios de recolha dos instrumentos refletem-se deste modo nas coleções e por inerência na realidade expositiva, centrada essencialmente na ciência do passado, a qual apresenta os resultados da sua investigação como “acabados” e consensuais.

Urge assim um novo modelo para um paradigma emergente. Este será pois o desafio ao qual os museus de medicina terão de responder pois apesar das dificuldades de expor a ciência atual e “inacabada” - quer pela complexidade técnica da investigação atual, pela necessidade do visitante deter conhecimento prévio sobre os temas, pelo significado dos objetos e das descobertas não estar ainda estabilizado e consensualizado, pela dificuldade em avaliar a relevância das novas descobertas e os seus impactos, pela rapidez do desenvolvimento dos conhecimentos e da mudança tecnológica, dificilmente acompanhados pelo tempo (DELICADO, 2009: 523) - é considerado necessário perante a sua vocação educativa no seio da comunidade, no sentido de aproximar o seu público da ciência, reforçar a sua confiança e torná-lo informado para tomar decisões, na articulação com os programas escolares, bem como, e porque não, como reforço para justificar perante o público o financiamento da investigação na medicina.

### ***Notas finais***

Na atualidade impera a necessidade de um museu de medicina que não foque a sua visão somente no passado, mas que, apesar da dificuldade da tarefa, consiga selecionar e preservar os objetos que considere serem relevantes para a definição da medicina presente, projetando assim o permanente futuro do passado médico.

É neste sentido que acreditamos que o Museu do CHP poderá ser um caminho desafiante e alternativo. Enquanto museu médico integrado numa instituição de assistência hospitalar como o Centro Hospitalar do Porto, terá com efeito uma posição privilegiada não só na seleção e recolha desses equipamentos atuais



integrados no desenvolvimento das especialidades, suas técnicas e aplicações, bem como recorrendo das suas valências de hospital central e escolar de referência na cidade, poderá assumir plenamente a sua vocação de serviço público em termos da educação e qualidade de vida, informando, explorando e discutindo princípios e práticas das ciências da saúde, de modo a participar plenamente na construção quer da cidadania ativa quer de estilos de vida mais saudáveis.

Deste modo, ao promover a compreensão do mundo e da ciência através das suas memórias/ coleções, contrariando a iliteracia científica e fomentando o hospital como lugar-chave da memória da cidade, estará não só a contribuir para o fortalecimento da imagem interna e externa do CHP e respetivo reforço de laços de identidade positiva na comunidade de prática, mas também a participar nas políticas de reorganização e promoção quer da cidade, localizando-se num importante corredor cultural, quer da medicina portuense, ao que se conjuga o valor patrimonial e emblemático do seu edifício.

### ***Referencias Bibliográficas.***

---

**ALVES, J.; CARNEIRO, Marinha.** 2007. Olhar o Corpo, Salvar a Vida, Porto, Hospital de Santo António.

**CID, Felip.** 2007. Museologia Médica, Aspectos Teóricos y Cuestiones Práticas. Bilbao: Museo Vasco de Historia de la Medicina e de la Ciencia.

**DELICADO, Ana.** 2009. A Musealização da ciência em Portugal. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

**FARIA, Sónia Castro.** 2009. O Objecto e os Museus de Medicina: Aprofundamento de um modelo de estudo. Dissertação de Mestrado do Curso Integrado de Estudos Pós-graduados em Museologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Documento Policopiado.

**LOURENÇO, Marta C.** 2009. O património da ciência: importância para a pesquisa. Museologia e Património, v.2, nº1, pp.47-53. Disponível em:  
<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/45/25>. Acesso em: 15 de Set. 2011.

**SEMEDO, Alice.** 2008. Hospital Geral de Santo António: Programa Museológico preliminar/ apresentação de conceitos, Porto. Documento Policopiado.